

Juliana Porto Machado<sup>1</sup>  
Ronaldo Bernardino Colvero<sup>2</sup>

## **A GUSQUERIA DE GALPÃO/ATELIÊ EM ESPAÇO URBANO**

### ***THE BARN/ATELIÊ GUSQUERIA IN URBAN SPACE***

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pampa – *Campus* São Borja

## RESUMO

A guasqueria é um ofício artesanal que trabalha o couro cru, possui técnica de transmissão de um saber fazer. O ofício está relacionado ao trabalho do peão que trabalha nas estâncias, principalmente com auxílio do cavalo. O objetivo deste artigo será refletir sobre a representação de aspectos do trabalho rural do peão no espaço urbano por meio da produção de guasqueria em um lugar característico, o galpão, tendo como base teórica os conceitos de espaço, lugar e paisagem. Como metodologia utilizou-se pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada com três guasqueiros/peões da cidade de Jaguarão no Rio Grande do Sul. Como resultado, a guasqueria representa o trabalho do peão no meio urbano por meio de sua presença e por seus objetos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guasqueria, Rural, Urbano, Lugar.

---

## ABSTRACT

The guasqueria, is a handcrafted craft that works with raw leather, has the technique of transmitting a know-how. The job is related to the work of the pawn that works in the farms, especially with the help of the horse. The objective is to reflect on the representation of aspects of the rural work of the pawn in the urban space through the production of guasqueria in a characteristic place, the shed, based on the concepts of space, place and landscape. The methodology used was a qualitative exploratory investigation with a semi-structured interview with three guasqueiros / pawns from the city of Jaguarão in Rio Grande do Sul (RS). As a result, the guasqueria represents the work of the pawn in the urban environment through its presence and its objects.

**KEYWORDS:** Guasqueria, Rural, Urban, Place.

## INTRODUÇÃO

O campo, teria como principal responsabilidade em sua existência o de suprir as necessidades da cidade, principalmente através da exploração agrícola, animal e de outras atividades. Já a cidade se caracteriza pela indústria, comércio, prestação de serviços, servidores públicos e outros. Caindo assim no dualismo clássico de concepções consideradas tradicionais versus moderno. No qual, em um meio rural as relações dos sujeitos com o ambiente natural seriam contínuas, uma vez que a troca com outros sujeitos são esporádicas devido ao baixo número de habitantes nesses territórios.

Em uma visão de coexistência na conceituação da sociologia classicista, o rural acaba por existir sempre através do urbano, em oposição a esse. Tudo que não é urbano, pertence ao rural. Ou seja, o rural de certa maneira como uma extensão do urbano e ao mesmo tempo fora deste. Com o processo de industrialização<sup>1</sup> e urbanização surge um novo modo de configuração sociopolítica, econômica e espacial das sociedades (MORMONT, 1999).

Para Rua (2006) a dicotomia rural e urbana é reflexo de uma visão capitalista em que ocorre a transição de poder aquisitivo do campo para a cidade, em que a agricultura perde sua hegemonia para o sistema de indústrias. A “agricultura passou a ser coadjuvante num sistema econômico constituído por muitos elementos ou partes” (FERREIRA, 2001, p.43). Nessa concepção, o rural acaba por ser definido em fatores econômico, por meio da agricultura. Com isso, no caminho de uma urbanização completa da sociedade haveria o fim do espaço rural.

Vindo de encontro ao autor citado acima, Wanderley (2000) apresenta dois pontos de diferenciação entre o rural e o urbano, o primeiro seria que o espaço rural é o da agricultura, principalmente a exercida em núcleos familiares, o segundo ponto seria a dificuldade que os sujeitos que residem neste meio possuem para acessar serviços de saúde e saneamento. Como é o caso da população de pequenas cidades com o número de habitantes abaixo de vinte mil, no Brasil.

Na trajetória da relação entre espaço rural e urbano, a geografia tradicional, com base teórico-metodológica de abordagem empírico-indutivo; analisa o campo e a cidade através de princípios como habitat, sistema de exploração agrícola, estilo de vidas, economia urbana e rural e infraestrutura, de certa maneira do que é visível, porém sem considerar a integração dos espaços.

Já a Geografia Quantitativa, mantém alguns princípios de análise da tradicional e baseia-se no raciocínio dedutivo, utilizando elementos estatísticos como padrões, índices e outros. Torna-se um pensamento forte junto ao período de urbanização no Brasil, o meio urbano centralizado em sua troca com o meio rural. Teorizando se sobre conceitos de suburbano, espaços periurbanos e franja urbana rural (ALVES, 2012).

<sup>1</sup> O processo de industrialização no Brasil inicia-se no século XIX, provocando mudanças na base de organização da sociedade até então rural e agrária e que passa a ser urbana e industrial. Consolidando na década de 1930, anterior a segunda Guerra Mundial. Junto ao processo de industrialização está a urbanização, com a massiva do êxodo rural, em que os moradores do campo passam a residir no espaço urbano e exercer trabalho em fábricas (SANDRONI, 1989).

Alves (2012) ainda apresenta outra vertente de pensamento a geografia crítica calcada no marxismo que apresenta uma visão negativa das ações do capitalismo no sistema de produção rural, principalmente as ações da industrialização na agricultura a partir dos anos 60 no Brasil. Considerando os efeitos que tais mudanças tiveram na vida do produtor rural. Com a geografia agrária crítica nos anos 90, pode se tratar a relação campo-cidade em uma visão de espaços contínuos, o meio rural não só de agricultura e nem o urbano de só cidade e indústrias. E sim os dois espaços compartilhando atividades em meio a agricultura familiar e o agronegócio. Possibilitando assim, a identificação da diversidade e da multifuncionalidade dos espaços. O rural e o urbano entendidos em uma composição de representações sociais.

Nesse sentido, o espaço e sua transformação, de acordo com Lefebvre (1974) é resultado de processos sociais que nele ocorrem, adquirindo forma e lugar. Esses processos sociais carregam em si cargas simbólicas e estão fortemente enraizados em diferentes composições de organização econômica, política, cultural e social.

Em meio a relação dos espaços rural e urbano, destaca-se a guasqueria, produção que se desenvolve no galpão/ateliê, objeto de análise deste artigo. A guasqueria é um ofício artesanal que se caracteriza por criar objetos de cunho material e imaterial voltados para atividades exercidas na lida do campo. Está produção de objetos parte do estabelecimento de um sistema de repetição de técnica, com o manejo do couro (matéria prima), que irá ser lavado (retirada das gorduras e peles), ter o pelo retirado (lonqueado), secado ao sol (estaqueado), amaciado (sovado), cortado em tiras de diferentes espessuras (loncas) e cortado em tiras finas (tentos).

Esse saber fazer artesanal, nasce através das lidas campeiras, na relação sujeito e animal. A figura do guasqueiro, nos primórdios estava vinculada diretamente a figura do peão, ao espaço das estâncias e as atividades de trato com os animais em geral, mas principalmente na conexão gerada entre peão e cavalo<sup>2</sup>. No estabelecimento do lugar que se apropriariam e criariam seus elementos mnemônicos, temos o galpão. Lugar, de reunião e compartilhamento, espaço de afirmação da masculinidade, ali se estabelece as relações. Então, é no galpão da estância que estavam os peões, era nesse que em momentos de uma prosa e outra, tinha um sempre consertando as cordas, para seguir trabalhando.

Na atualidade, os interlocutores desse artigo, que também, exerceram no passado o trabalho de peão, construíram para eles o seu lugar no espaço urbano, representado pelo galpão/ateliê<sup>3</sup>, onde eles produzem a guasqueria. O galpão/ateliê será apresentado como o lugar de trocas de experiências do sujeito com o outro, com o objeto e com o mundo simbólico. Um "microcosmo, onde cada um

<sup>2</sup> Neste recorte que deu origem a este artigo, não iremos nos aprofundar na relação peão e cavalo. Mas é importante menciona-la, devido ao fato da guasqueria ter sua produção de objetos voltada para arreios de encilha desse animal.

<sup>3</sup> Utilizaremos a expressão galpão/ateliê para identificar o lugar de criação da guasqueria, que comumente é a garagem da casa dos sujeitos praticantes, mas que possui internamente uma estruturação que se aproxima da de um galpão.

de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012; p.31). Assim, o rural e o urbano em sua complementariedade possibilitam a existência da guasqueria, que se inicia como um ofício secundário a atividade do peão de estância cumprindo uma função específica, o de auxílio ao sujeito em serviço de lida com animais. Tendo um lugar característico para seu desenvolvimento, o galpão.

Dessarte, nesse breve relato sobre o espaço rural e urbano, não se buscou uma definição analítica destes e sim relatar brevemente a complexidade que envolve a definição destes espaços, principalmente diante das transformações que ocorrem continuamente nesses. Destaca-se o sentido complementariedade que compõem esses dois meios, que possibilita que um ofício como a guasqueria de características rurais seja exercido no espaço urbano.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a representação de aspectos do trabalho rural do peão no espaço urbano por meio da produção de guasqueria em um lugar característico, o galpão, tendo como base teórica os conceitos de espaço, lugar e paisagem.

A metodologia utilizada baseada em uma revisão bibliográfica, foi pesquisa qualitativa, de cunho exploratório com entrevista semiestruturada com três guasqueiros da cidade de Jaguarão<sup>4</sup> no Rio Grande do Sul (RS), que exercem essa atividade no meio urbano.

Os interlocutores participantes são sujeitos que exerceram durante muitos anos a atividade de peão e por diferentes motivos tiveram que abandonar o espaço rural e ir viver na zona urbana. A faixa etária está entre 60 a 80 anos, como parâmetros para as entrevistas buscou-se guasqueiros que trabalham a mais de 20 anos neste ofício. Em Jaguarão/RS, se estima por volta de 20 sujeitos que praticam guasqueria. Para este artigo fizemos um recorte com três guasqueiros tradicionais, que fazem todas as etapas da construção de um objeto em couro cru, voltado para as lidas campeiras. A pesquisa de campo teve seu início no ano de 2018, considerando a importância de realizar um mapeamento dos artesãos que ainda criavam guasqueria em Jaguarão/RS. Iremos utilizar a identificação dos interlocutores a partir de suas iniciais, sendo eles: guasqueiro P.P, guasqueiro M.C e guasqueiro M.T.

Logo, as definições de rural e urbano sempre surgem através do fator de diferenciação, comumente o urbano será identificado como cidade, criada e transformada pelo sujeito. E o meio rural ou campo<sup>5</sup>, apesar da transformação do homem, será associado a presença visível e tangível do ambiente natural.

O artigo está dividido em introdução, tratando sobre a apresentação do objeto de discussão o galpão/ateliê, seguida do subtítulo Guasqueiro da cidade, peão do campo, em que se trabalha com as questões do de lugar e espaço, e da tênue separação entre urbano e rural. E por fim, as considerações finais, em que

<sup>4</sup> Cidade localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, no Brasil, faz fronteira com a cidade de Rio Branco, no Uruguai.

<sup>5</sup> O campo neste artigo será também, utilizado para identificar o espaço rural, assim como cidade para identificar o espaço urbano.

concluimos que a guasqueria tornou-se um elemento cultural atuando em dois espaços que se complementam, o rural e o urbano, no lugar galpão/ateliê.

## GUASQUEIRO DA CIDADE, PEÃO DO CAMPO

O espaço pode ser compreendido como algo ativo e único, onde encontram-se materialidade e imaterialidade em meio as ações humanas, “[...] seria o conjunto indissociável de sistemas e objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente” (SANTOS, 2008, p. 46). Sendo o espaço para o autor, um território partilhado, que reúne diversos lugares relacionados e entre esses haverá harmonia e/ou conflitos.

Com base no pensamento da fenomenologia<sup>6</sup> Relph (1979) estabelece que o espaço geográfico não é algo homogêneo, esse possui identidades que o identificam, pode ser referenciado muitas vezes como vultuoso, seguro ou perigoso. É composto por água, ar e terra, por um ambiente natural e também, é espaço das construções humanas, das cidades, das vilas ou das paisagens que expressam as percepções dos sujeitos. Onde os sujeitos se locomovem e buscam significações; onde ocorrem as experimentações e valorações; onde os sujeitos são percebidos.

O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida a ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça [...]. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar (TUAN, 1983, p.72).

De certa forma, o espaço como afirma Tuan (1983) é algo vasto e que está sujeito a sistematização. Apresenta eventos e objetos que ainda não foram percebidos pelos sujeitos, e que carecem da significação, já que ainda não foram explorados. O autor argumenta que o espaço irá então se transformar em lugar à medida que passa a ser significado e fechado. Uma vez que, lugar é construído a partir da subjetividade dos sujeitos.

Para a Geografia Humanista o lugar é carregado de significados, que possibilita uma relação que envolve sentimentos de afeto e valoração, em que se produzem vínculos entre o sujeito e o meio. O lugar é onde o sujeito existe e fixa-se, remete ao conhecido ao identificado.

Segundo Tuan (1982) a Geografia Humanística busca investigar a compreensão do universo humano por meio da análise das relações dos sujeitos com a natureza, a partir da forma como procedem geograficamente, considerando os

<sup>6</sup> A fenomenologia busca entender as essências dos fenômenos experimentados/vividos pelos sujeitos sociais. A partir de uma descrição objetiva, considerando o imaginário, as percepções, as representações dos sujeitos (MERLEAU PONTY, 2011).

sentimentos e as significações tecidas sobre espaço e lugar. O sujeito social passa a ser central na produção do conhecimento e da cultura, capaz de decodificar os códigos criados e os fenômenos.

A Geografia Humanística de base fenomenológica permite criar aproximação entre o mundo social e o mundo simbólico, considerando a subjetividade dos sujeitos pois, “conhecer o mundo é conhecer a si mesmo” (GOMES, 2005, p. 328). No momento que o sujeito interpreta a si mesmo será capaz de compreender o mundo que o cerca.

Pois, na Geografia Tradicional lugar era utilizado como localização espacial sendo que “[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo” (RELPH, 1979, p. 156). O lugar está incluso no espaço, é humanizado e cercado, ou seja, são espaços fechados pelo homem que produz uma rede de afetividade com esse, um mundo de valores e signos, onde se encontram as referências próprias de cada sujeito.

Assim, o lugar surge da experiência pessoal do sujeito, da realidade vivida, para Carlos (1996) o lugar propicia refletir sobre sua história por meio da cultura, considerando os costumes, tradições, hábitos que lhe são inerentes. Considerando sempre a subjetividade e as emoções dos sujeitos que vivem o lugar.

Dessa maneira, o peão se apropria do galpão como seu lugar de atuação, onde guarda suas ferramentas de trabalho e cria relações sociais com outros sujeitos. Como o peão e guasqueiro M.C.<sup>7</sup> (2018) menciona, é no galpão que recebe os visitantes que chegam na estância, é onde toma o chimarrão<sup>8</sup> com sua companheira e também, faz seu trançado, chegando a passar mais tempo no galpão do que em sua casa.

Dessarte, o galpão como lugar acaba por adquirir identidade através da ação do peão/guasqueiro. Como aponta Lefebvre (1974) o lugar é espaço de vida e de experiências que iram influenciar nas dimensões físicas, técnico funcionais e simbólicas. Conseqüentemente as interações entre essas dimensões fornecem sentido e identidade a um lugar. Através das diversas formas que o homem em meio a suas ações tem de viver o espaço.

Com isso, o lugar apresenta uma fisionomia, uma forma, uma organização e uma aparência, tem sua identidade, a alma do lugar que é passível de percepção por parte do sujeito que possua a habilidade de ler o lugar e incutir sentido a esse. Relph (2012) destaca a existência de lugar-sem-lugariedade, ausentes de identidade e sentido, por exemplo, um galpão pode ser criado para ser apenas voltado para guardar os objetos de peões, mas sem os peões esse galpão não se torna um lugar.

<sup>7</sup> Optou-se por utilizar iniciais como forma de identificação dos interlocutores. Sendo que o guasqueiro M.C é o único entrevistado que ainda exerce a profissão de peão e que reside como caseiro em uma casa próxima a sede de uma estância, que se localiza em um bairro urbano. A entrevista foi realizada no ano de 2018, na cidade de Jaguarão no RS, O guasqueiro M.C (2019) afirma: “vivo nessa estância aqui faz dois anos, sou peão aqui e guasqueiro no tempo que tenho”.

<sup>8</sup> Bebida de origem da cultura indígena da América do Sul, popularmente denominada de mate, sendo considerada típica no Estado do Rio Grande do Sul.

O galpão do fogo não é tão silencioso. Ali dormem os peões, aproveitando o calor da roda. É um rancho de torrão com paredes de uns dois metros de altura, coberto de santa-fé em quinha de escada. (...) O vento entra por todos os lados (...) fazendo tinir os arames e latas encontrados no caminho. Aquilo é a casa dos peões, se se pode chamar de casa um rancho sem portas onde moram o fogo, a fumaça, o vento e a poeira (MARTINS,1944; p.04).

Como afirma Carlos (1996) “o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida, apropriada através do corpo, dos sentidos, dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça é a rua” (p.17). É o galpão para o peão/guasqueiro. Vindo de encontro a Carlos, Castello (2007) afirma “lugar é um espaço qualificado [...] que se torna percebido pela população por motivar experiências humanas a partir da apreensão de estímulos ambientais” (CASTELLO, 2007, p.14). Por este ângulo, as ações produzidas no dia-dia possibilitam a compreensão da presença da guasqueria no espaço urbano. E de certa maneira compondo a paisagem urbana.

Em um viés antropológico, o lugar será esse espaço que é constantemente vivido, e que possui em si a dileção das memórias ali criadas e rememoradas. Segundo Augé (1994), o lugar é um espaço antropológico permeado de histórias, afirmações de relações e tem caráter identitário. Em seu interior, possibilitam trajetórias, efetuação de discurso e linguagens. O oposto a esse, seria o não-lugar, aquele em que o sujeito não consegue se apropriar de uma forma afetiva e firmar conexões a esse. O lugar e o não-lugar, são polaridade, pois o lugar nunca será em sua íntegra esquecido e o não-lugar nunca se concretiza completamente. O não-lugar é transitório e funcional, criados para uma finalidade, as experiências serão vazias, não há uma relação de troca simbólica entre sujeito e não-lugar. Assim, os espaços antropológicos, possibilitam a construção de um social orgânico e tem característica de sentido para aquele que o ocupa, “o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima” (AUGÉ, 2012, p.53).

Destaca-se que o galpão/ateliê (FIGURA 01) dos guasqueiros entrevistados é um lugar a parte da casa, em um primeiro caso como o do guasqueiro P.P (2018) seu galpão ateliê é a garagem, externamente possui as características de uma garagem, internamente remete a um galpão, com as selas de montarias, com os freios pendurados na parede, as painéis de ferro, a térmica e a cuia, e outros (FIGURA 02 e 03). A presença desses objetos no interior da construção produz uma imagem de um cotidiano vivenciado por esse guasqueiro, que com a idade teve que abandonar a profissão de peão, porém sem deixar de ser peão ao tornar-se guasqueiro.





Figura 01-Ateliê do guasqueiro P.P (2018)  
Fonte: Autora (2018)



Figura 02-Espaço de criação do guasqueiro P.P (2018)  
Fonte: Autora (2018)



Figura 03- Objetos do Espaço de criação do guasqueiro P.P (2018)  
Fonte: Autora (2018)

Na composição dessa imagem que o galpão representa, estão as memórias do guasqueiro que antes criava suas obras para o trabalho no campo, para uso próprio, tinha uma forte ligação com o objeto. O guasqueiro P.P (2018) comenta que cuidava de seus arreios, porque eram necessários para realizar um bom trabalho, rememora a importância do cavalo estar bem encilhado e bem tratado, pois o “cavalo é amigo da gente, ele é o transporte, sem cavalo não tem como recorrer os campos, juntar o gado, e sabe o cavalo sente as coisas ele é o parceiro do peão” (P.P, 2018).

Dessa maneira, a imagem que representa seu galpão/ateliê é de que a qualquer momento o guasqueiro irá sair para sua jornada diária de trabalho como peão. Porém, o guasqueiro P.P (2018) é um peão aposentado, com mais de oitenta anos. Exerceu essa profissão por cinquenta anos. Começou jovem, seguindo os passos de seu pai que também era peão. Sendo que, no tempo que atuou nesse ofício sempre morou na zona rural.

E por ter sido peão é que tornou se guasqueiro, mais precisamente menciona “era peão e guasqueiro, agora sou mais guasqueiro, porque, trabalho com

o couro cru e com o trançado” (P.P, 2018). Argumenta que o ser guasqueiro é uma extensão do peão, um existe por causa do outro, são complementares. E que sempre foi no galpão que criava suas peças em couro cru, no tempo que tinha de descanso após o trabalho do campo.

O galpão, como o lugar de ocupação do peão, constituído pela presença das cordas, das ferramentas, dos arreios, dos pelegos, dos bancos ou tocos e do rádio. Uma coleção de objetos, carregados de valores e significados presentes no cotidiano, na constância da relação homem e objeto, “uma dimensão da vida social permeada de valores e de realidades múltiplas. Coisas que vêm do passado e objetos que estão presentes” (DAMATTA, 1986, p. 19).

Nos afazeres do cotidiano o galpão<sup>9</sup> é uma extensão do campo, tendo como baliza o trabalho, sendo espaço de relações sociais e econômicas. O trabalho realizado na estância localizada em um lugar no espaço rural, é mencionada pelos peões/guasqueiros como um lugar distante da cidade, em que se tem muitas dificuldades, porém um bom lugar para se viver e trabalhar, como acrescenta o guasqueiro M.C (2018).

Para Martins (1944), as definições acerca do trabalho rural estão baseadas no trinômio peão-capataz-patrão, o peão é esse ator social que representa diferentes funções na organização de uma estância, um trabalhador polivalente, que adapta sua identidade à necessidade do contexto e às exigências do patrão, em uma relação de proximidade contínua. Essa relação está baseada no peão exercer as lidas do campo mediante o pagamento de um salário. O peão residia junto a outros peões no galpão das estâncias, principalmente aqueles que eram solteiros, demonstrando aqui um certo afastamento perante o patrão que reside na fazenda e só adentra ao galpão quando necessário.

Se regressarmos para a formação das estâncias no Rio Grande do Sul, de acordo com Goulart (1984), teremos um planejamento por parte da figura do patrão para controlar os avanços dos homens bravios da pampa, detentores de um saber-fazer da lida campeira. Dessa forma, foi necessário para que não houvesse risco de uma revolta construída por esses sujeitos em negativa ao meio de governança patriarcal, de colocá-los como parte importante do processo de produção das estâncias, com suas habilidades utilizadas como mão-de-obra fundamental, uma forma de categorizá-los com certo status social.<sup>10</sup>

A estância como elemento de poder aquisitivo por parte do patrão, que se firmava fortemente na exploração da pecuária e da agricultura, e assim transformavam a paisagem rural. Nesse viés pode se pensar na própria transformação da paisagem rural Jaguarense<sup>11</sup> com a massificação das plantações de cultivares como soja e arroz, em que os campos das estâncias não são mais voltados para a criação de gado como atividade principal e sim a agricultura. Esse fato é comentado pelo guasqueiro M.T (2018) que esclarece a situação contemporânea da pro-

<sup>9</sup> Trechos publicados na Revista Seminário de História da Arte, ano 2020.

<sup>10</sup> Trecho publicado em Revista Seminário de História da Arte ano 2020.

<sup>11</sup> Referente a paisagem vivida e percebida pelos guasqueiros entrevistados.

dução no espaço rural de Jaguarão, ao afirmar: “daqui a mais uns anos não existirá mais peão, porque a soja está terminando com todos os campos, ninguém mais cria gado, as estâncias vão se terminar” (M.T, 2018).

A paisagem se modifica em meio a novas tecnologias da produção agrícola; todavia, a paisagem é o “domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc” (SANTOS, 1998, p. 61). Na transformação da paisagem rural de Jaguarão o guasqueiro M.T (2018) recria uma imagem do passado no presente ao contar que antes os campos eram só rebanhos de bovinos, ovinos e muitos cavalos, “agora é só soja por tudo, e algumas lavouras de arroz, os bichos não existem mais, as estâncias quebraram, não se tem mais o campo limpo, tudo é veneno (referindo-se ao uso de aditivos nas plantações) até os açudes não tem mais peixes, já era, o campo se terminou” (M.T, 2018).

Destaca Cavalcanti (2005) que a paisagem está sempre em uma constância de modificações, ligada a diferentes funções sociais e as mudanças do tempo. Considerando-a como a materialização de um dado período histórico e que a partir de sua observação é possível iniciar uma investigação do espaço geográfico. De certa forma, a paisagem combina passado e presente e indica um possível futuro, em uma harmonização de diferentes contextos tempo únicos em suas formações. Sendo então, uma criação social e histórica, representando sociedades em criação, transformação e também em destruição. Atuando ativamente na dimensão da percepção.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial (SANTOS, 1999, p.65).

Como afirma Santos, a paisagem está em um processo contínuo de transformações e se afasta cada vez mais de sua naturalidade. Já, para Tuan (1980) a percepção ocorre através dos sentidos que se aguçam por meio de impulsos que vem do exterior. Em vista disso, alguns fatos serão notados e conservados de maneira notória em relação a outros que não serão registrados e assim não evidenciados. Então, ao perceber se algo da paisagem, esse pode tornar-se de grande valor para o sujeito, provocando um sentimento de pertencimento cultural.

Como no caso do guasqueiro P.P (2018) que rememora o tempo que era peão de estância, ressaltando elementos de percepção da paisagem vista e vivida, ao mencionar “os campos eram verdes, perto da estância tinha muitos piquetes cheios de vacas, era uma baita casa, cercada de figueira, sabe daquelas de tronco grosso, na direita era a mangueira e perto tinha o galpão, onde a peonada dormia e guardava os arreios e guasqueava em dia de chuva [...] aquele tempo era bom” (P.P, 2018).

Claval (2004) irá apontar que a interpretação de uma paisagem visível

nem sempre é clara e objetiva para se compreender completamente as ações que ocorreram no espaço. Devesse sempre considerar além da realidade objetiva, ou seja, que essa realidade interage com os sentidos do sujeito observador, pois, os sujeitos transformam e compõem seus ambientes a partir da percepção que possuem deles, e conseqüentemente percebem esses a partir dessas composições e sistematizações.

Dessa maneira, a percepção da paisagem é algo singular a cada sujeito observador está em um constante processo de mutação em um campo de significação. Assim, paisagem como a forma de olhar o ambiente externo através da criação de uma imagem organizada e harmônica desse (COSGROVE, 1998), possibilitando uma possível leitura do espaço. Como no caso do guasqueiro precitado que reproduz essa memória do passado por meio de uma organização da paisagem em uma imagem descritiva de como era o meio em que ele trabalhava como peão.

Medeiros (1967) expõem, que, os rebanhos<sup>12</sup> de bovinos e ovinos, juntamente com os equinos são os elementos de afirmação dessa profissão. Introduzidos nos campos, com pouca ocupação humana, com domínio dos animais é que o peão se reafirma cotidianamente. No entanto, considerando o avanço da tecnologia o peão tradicional se readapta novamente com o uso de mídias como o celular e a Internet, que se tornam elementos facilitadores e até mesmo necessários para o trabalho<sup>13</sup>.

O peão/guasqueiro M.C (2018) comenta que o celular é importante “se um animal fica doente é só ligar para o patrão e ele já traz o remédio, senão tiver no galpão [...] o patrão sempre me liga para me pedir para ver alguma coisa ou fazer algo, ficando tempo sem vir aqui” (M.C, 2018). Percebe-se que o uso de tecnologia como o celular fez com que a relação peão e patrão fossem modificadas, com a facilidade da troca de informações.

O uso da tecnologia no caso do peão/guasqueiro M.C (2018) é fator importante para sua produção de guasqueria. Uma vez que, foi através da internet que começou a praticar o ofício<sup>14</sup>, aos vinte oito anos, trabalha desde jovem como peão, sempre havia morado no meio rural. Atualmente reside em uma casa, que faz parte das dependências da estância em que trabalha, que se localiza em um bairro urbano da cidade de Jaguarão.

Nas transformações do espaço rural, nesse contexto, percebe-se que essa propriedade tida como característica do meio rural, acaba por ser cercada pelas construções urbanas, no caso no desenvolvimento de dois bairros que a cercam. A paisagem se modificou em seu entorno, o meio natural foi transformado, o espaço foi apropriado e lugares foram criados.

<sup>12</sup>Os rebanhos são elementos que compõem a percepção da paisagem vivida dos guasqueiros, em suas memórias esses irão sempre associar a imagem do gado no campo ao trabalho de peão, porque sem os rebanhos não há necessidade da existência do peão.

<sup>13</sup>Trecho publicado em Revista Seminário de História da Arte da UFPEL, 2020.

<sup>14</sup>Havia aprendido um pouco de guasqueria com outro guasqueiro, as primeiras técnicas, mas se aprimorou através de vídeos assistidos em plataformas como YouTube.

Em vista disso, M.C conta “é como se ainda morasse na campanha com a venda perto de casa, [...] aqui eu sou peão e guasqueiro, consigo recorrer os campos e comercializar minhas guascas, [...] estou na cidade e no campo” (M.C, 2018). Como argumentou se anteriormente M.C é peão/guasqueiro que vive entre o rural e o urbano<sup>15</sup>, aprendeu a guasqueria a pouco tempo.

Assim, tem-se a presença da guasqueria em espaço urbano, neste caso, quando o interlocutor passa a praticar o ofício quando tem acesso a mecanismos tecnológicos de aprendizagem, quando passa a interagir com outros guasqueiros que compartilham o saber fazer. Possibilitando o mesmo a ter uma fonte de renda secundária, a partir da comercialização sob encomenda de suas peças.

A própria guasqueria acaba por se modificar em sua materialidade, pois, com o advento industrial surgiram maquinários que reproduzem o trabalho manual, como a máquina de amaciar peças de couro, que descarta o uso do sovador e da força braçal do guasqueiro. Como também, o couro branco (Figura 04), que é quimicamente amaciado e assim só precisa ser cortado para fazer a peça, não sendo mais necessário o uso de técnicas tentos. Outro ponto é a utilização do cordão branco (Figura 05) para fazer peças em tranças e assim criasse peças similares a uma guasqueria tradicional de couro cru (Figura 06).



Figura 4- Cabeçadas em Couro Branco. Fonte: Autora (2018)

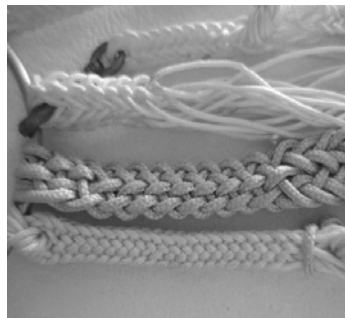


Figura 5-Tranças em cordão branco. Fonte: Autora (2018)



Figura 6- Trança em couro cru. Fonte: Autora (2018)

A guasqueria pode ser pensada como uma manifestação cultural que representa aspectos do trabalho rural de peão no espaço urbano e está presente nesse. Pois, o guasquear remete a uma técnica aprendida e transmitida de peão para peão, para suprir uma necessidade. Como, a criação de objetos para comporem os arreios dos equinos utilizados na lida do campo. Os três interlocutores dessa pesquisa começaram a guasquear profissionalmente quando inseridos no espaço urbano. E assim, suas peças são comercializadas para sujeitos que ainda são peões em algumas estâncias ou para sujeitos que possuem cavalos.

Conta P.P que o cavalo é um animal que passou a ser exibido no centro, que os jovens montam para passear pelos bairros da cidade “para mostrarem que são gauchitos e para participarem dos rodeios, eles gostam de rédeas bonitas,

<sup>15</sup> Não buscou se aqui um aprofundamento da diferenciação dos espaços, mas demonstra que para o peão/guasqueiro viver em uma estância no meio de um bairro urbano possibilitou que ele pudesse exercer a guasqueria, já que com o acesso à internet pode aprender o ofício e se qualificar. Podendo assim, formar uma rede de compartilhamento comum com outros guasqueiros de Jaguarão.

com um bom trançado” (P.P, 2018). Nesse caso a própria relação homem e animal se modificam.

Vindo de encontro a essa perspectiva do guasqueiro M.T (2018) relata que agora que vive na cidade e que tem seu próprio negócio de comercialização de alimentos, não deixou de criar seus animais, apesar do pátio reduzido ele possui alguns ovinos e aves, assim como um cavalo que fica em uma cocheira alugada em uma cabanha. Em sua rotina, acorda às cinco da manhã e começa a trabalhar com guasqueria em seu galpão/ateliê, que nesse caso é um galpão em sua estrutura material, criado ao fundo da casa, assim como na organização do galpão/ateliê do guasqueiro P.P (2018), tem disposto nesses artigos de montaria e trançados iniciados, tentos cortados, peças de couro a serem sovadas, objetos prontos em meio a pelegos e ferramentas.

Acredita também, que a guasqueria é voltada para o peão, que é um serviço rural, pois, quando veio morar na cidade tentou encontrar um emprego, porém a única coisa que sabia era ser peão “não sabia outra coisa, sempre fui peão, então comecei a fazer guasqueria, era o que sabia fazer, aprendi com o meu pai a lonquear, sovar, cortar e trançar, [...] meu guri nunca se interessou pelo ofício, acho que é por morar na cidade” (M.T, 2018). Indicando o desinteresse do filho em aprender a técnica por o mesmo estar inserido no contexto urbano e não precisar exercer a profissão de peão. “[...] eu era peão, por isso sou guasqueiro” (M.T, 2018). Novamente, o ser peão surge como elemento necessário para ser guasqueiro.

Em vista disso, pode se argumentar que o peão/guasqueiro por meio da produção de guascas acaba por materializar a imagem de um tempo vivido, através dos objetos criados no galpão/ateliê, mesmo sofrendo com as alterações no presente pela influência do meio. Sendo que, o galpão/ateliê se caracteriza por ser um lugar de proximidade a realidade vivenciada no passado, se encontra em um espaço urbano, mas está voltado para a criação de objetos de características do espaço rural.

O guasqueiro P.P (2018) irá contar que poucos sabem que ele é guasqueiro, por mais que more na cidade a alguns anos e que conheça muitas pessoas. Seu galpão/ateliê está localizado em uma rua central de Jaguarão, onde ocorre um fluxo contínuo de pessoas. Ele afirma que as portas de seu galpão/ateliê estão sempre abertas, suas peças sempre expostas e ele está sempre em sua cadeira guasqueado, e, às vezes surge algum sujeito curioso que o questiona sobre o seu trabalho, principalmente universitários ou jovens peões.

Vindo de encontro, o guasqueiro M.T (2018) acredita que “trançar poucos tem interesse, os que querem não tem paciência para aprender, [...] bah quase ninguém conhece, isso aqui, acho que é um artesanato de peão”. Tem se a presença da guasqueria no espaço urbano por meio da criação de objetos e da comercialização desses, porém, acaba por ser um ofício as margens da cidade, está incluso em sua paisagem, sendo muitas vezes apenas percebido por sujeitos que possuem alguma ligação com o campo.

A cidade em si, em sua formação moderna, está sujeita a um dinamismo

ativo, a uma relação diferenciada com o tempo, com o lugar e com os sujeitos. Está em um constante processo de fragmentação. Como afirma Bauman (2001) a cidade contemporânea é tão líquida que não se pode identificar tão facilmente o que é campo e o que é cidade. As linhas divisórias são tênues, em que não se discerne mais um todo espacial e sim analisa-se fragmentos de lugares. Uma vez que, nada mais conserva a forma por muito tempo, quanto mais a identidade em meio a fluidez do tempo.

Destarte a cidade é criação de grandes proporções no espaço, sendo percebida no transcorrer do tempo, sua arquitetura e organização é temporal. Para vivencia-la deve-se considerar as referências dos arredores e as memórias do passado. Cada sujeito irá formar e significar um lugar e/ou lugares na cidade através experiências sensoriais, pois, esse também compõe a paisagem urbana (LYNCH, 1982).

Com isso, o guasqueiro encontra seu lugar na cidade, na criação do galpão/ateliê para praticar a guasqueria e manter uma ligação com suas memórias e tradições do passado vivenciadas através do trabalho como peão. Logo, a cidade para esses sujeitos é o lugar de mudança, se apresenta sempre devido a necessidade do ter de sair do campo. E com o tempo tornasse um motivo para seguir no ofício de guasqueiro seja para complementar a renda ou guasquear por guasquear, como afirma o guasqueiro P.P. "eu sou guasqueiro porque gosto, e sou bom no que faço, se erro uma passada de tento volto tudo e começo de novo, [...] não faço só para vender, faço pra mim, por que eu sou gaúcho, peão e guasqueiro" (P.P, 2018). Evidenciando a identificação que o interlocutor tem com o ofício, que influencia diretamente em sua identidade e na forma como ele percebe o seu entorno.

Já que, a identidade como afirma Cuche (1999) é um mecanismo de localização do sujeito no espaço-tempo, tendo a memória de suas realizações na sociedade como arcabouço para estruturar suas identidades. Os signos desses padrões acabam por serem compartilhados em uma conexão virtual entre esses sujeitos, de certa forma em uma comunidade imaginada, que partilha saberes sem estar relacionada fisicamente. Pois, os três interlocutores se conhecem e identificam o Outro como guasqueiro, apesar de não manterem nenhuma ligação física.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que começa com espaço aberto e sem significação acaba por se tornar em algum momento lugar, à medida que é apropriado pelos sujeitos que o vivem. Então, espaço e lugar são dependentes em suas existências, pois, lugares possuem paisagens, paisagens e espaço possuem lugares (RELPH, 1979).

Como destaca Santos (1999) o meio geográfico passou por três grandes etapas, sendo a primeira o meio natural que a integração homem e natureza é marcada por pequenas modificações como a agricultura, porém estando vincu-

lada ao ambiente natural; na sequência tem o meio técnico caracterizado pela mecanização do espaço, esse sendo tanto artificial como natural. E contemporaneamente encontramos-nos em um meio técnico-científico informacional, em que o mercado globalizado tem como arcabouço ciência, técnica e informação vinculadas na base do espaço e da produção.

A própria industrialização e urbanização afetou diretamente a produção de guasqueria, que anterior a essas estava fortemente relacionada com a comercialização dos produtos em couro cru em estâncias. Promovendo de certa maneira a difusão e promoção do ofício, além de possibilitar ao peão uma independência profissional. No entanto, com a queda econômica das estâncias sulista em prol do aumento aquisitivo do comércio industrial, tem-se o “desaparecimento” da figura do guasqueiro.

De tal modo, o guasqueiro sempre foi peão e com isso apropriava-se de um lugar, o galpão, para criar suas obras e transmitir suas técnicas. Então em meio as modificações espaciais e sociais. O galpão, pensado como um organismo vivo terá a transformação de sua função ao ser criado em um espaço diferente do original, ou seja, quando a guasqueria passa a ser exercida como atividade principal, como um artesanato voltado para criar os objetos para a comercialização nos centros urbanos. Até então, o peão, que está presente no meio rural, é o guasqueiro que pratica o ofício para consertar seu próprio instrumento de trabalho, não visava elementos de estética e sim funcionalidade.

Logo quando o peão se torna exclusivamente guasqueiro, no caso dos interlocutores desta pesquisa, seja por ter abandonado o espaço rural e utilizar os saberes aprendidos para se manter em um novo meio, seja por desejar uma autonomia profissional ou ainda por se identificarem como esse saber fazer. Seja qual for a motivação do sujeito, esse acaba saindo do campo e passa a residir na cidade e com isso, cria um lugar carregado de símbolos relacionados ao antigo meio que vivenciava para praticar a guasqueria, confirmando de certa forma a presença dessa em contexto urbano através da representação de um galpão em seu ateliê de produção.

Por fim, contemporaneamente à guasqueria, com foco na cidade de Jaguarão-RS, é produzida na zona urbana, seus produtores possuem ligação com o campo e mantêm uma tradição do saber-fazer aprendido que influencia as suas identidades. Tecendo alguns elementos similares entre as histórias de vida dos interlocutores entrevistados pode-se destacar que os três foram e/ou são peão, nasceram e viveram por muito tempo no espaço rural, aprenderam a guasqueria por intermédio da figura paterna que também era peão ou por outro sujeito peão. Iniciam a guasqueria pela necessidade de consertar suas cordas para o trabalho no campo, identificam-se como guasqueiro por seguirem a estrutura dorsal (carnear, secar, lonquear, sovar e tirar tento) e terem como matéria prima o couro cru.

Portanto, criam ou se apropriam de um espaço como o galpão e o transformam em lugar de produção de um saber fazer e o organizam com objetos que remonta a um passado vivenciado. Apresentam a imagem da paisagem rural de



forma semelhante, apontando elementos visíveis, como o campo verde, a casa, o galpão, o gado e as mangueiras. Reconhecem a transformação do espaço rural jaguarense com a massificação da exploração de soja e o uso intensivo de aditivos agrícolas, que descaracterizam a percepção anterior que eles tinham do campo. Fixam-se no espaço urbano e iniciam na guasqueria como profissão, estilo de vida, complemento de renda e atividade secundária ao trabalho de peão. E assim, acabam por compor a paisagem urbana, porém só são reconhecidos ou percebidos por outros sujeitos que também possuem ligação com o espaço rural, seja por ser peão ou por possuir um cavalo. De toda forma, a guasqueria passou a ser também, elemento do espaço urbano.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Flamarion Dutra. Abordagens metodológicas da geografia agrária clássica brasileira.

Caminhos de Geografia. Uberlândia. v.13, n.42, 2012. p.315-329.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Ed. Zahar, 2001.

CAVALCANTI, L. de S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vigotsky ao ensino de Geografia. CEDES, v. 24, n. 66, Campinas, 2005.

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do Mundo. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CASTELLO, Lineu. A Percepção do Lugar. Porto Alegre: PROPAR - UFRGS, 2007.

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 13-74.

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 126p.

GOMES, P. C. da C. O conceito de região e sua discussão. In CASTRO, I. E. de; \_\_\_\_\_. R. I. (Orgs.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 210-328.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. Território, Rio de Janeiro, n. 9, p.65-83, jul./dez. 2000.

GOULART, Jorge Salis. A formaÁ,,o do Rio Grande do Sul. 4. ed. Porto Alegre: MartinsLivreiro; Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

FERREIRA, D. A. de O. Geografia Agrária no Brasil: conceituação e periodização. In: Terra Livre, nº16, São Paulo, 2001, p.39-70.

LEFEBVRE, H. La Production de l' espace, Paris, Antropos, (1974).

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Ed:Martins Fontes, São Paulo, 1982.

MACHADO, Juliana; COLVERO, Ronaldo. Memórias de Guasqueiros: entre o campo e o galpão. Revista Seminário de História da Arte, V. 02, Nº 08, 2020.

MARTINS, Ivan Pedro. Fronteira agreste. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MORMONT, M. (1996), "Le rural comme catégorie de lecture du social". In M. Jolivet, N. Eizner (dirs.), L'Europe et ses campagnes, Paris, Presses de Sciences, pp. 161-176.

RELPH, Zech C. As bases fenomenológicas da geografia. Geografia, n. 4, v. 7, p. 1-25, 1979.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: marandoljr. Eduardo; holzer, Werther; oliveira, Livia de. (Orgs.). Qual o Espaço do Lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. 310p. (Coleção Estudos; 302).

RUA, J. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. Campo-Território, Uberlândia, v.1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11781>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

SANDRONI, Paulo (Org.). Dicionário de economia. 3. ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1989.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do espaço habitado, São Paulo: Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2008b.

TUAN, Y. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectiva da Geografia. São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982.

WANDERLEY, M.N.B. (2000), "A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o rural como espaço singular e ator coletivo". Agricultura e Sociedade, 15, pp. 87-146.